

O CORAÇÃO ESMAGADO: SOLIDÃO E OBSCURIDADE NA POESIA DE CARLOS DE OLIVEIRA

Patrícia Resende PEREIRA

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG)
patriciarpereira@gmail.com

Resumo: A obscuridade na poesia pode ser entendida, conforme o crítico Alfonso Berardinelli, como o ato de interromper a comunicação, algo que levaria ao isolamento do artista, cada vez mais distante do público. Esse afastamento possibilitaria ao poeta refletir sobre a própria existência, ao mesmo tempo em que teria meios de se aprofundar em sua experiência poética. Desse modo, o propósito deste texto é investigar a maneira como a obscuridade e a solidão se fazem presente na obra do poeta português Carlos de Oliveira, usando como ponto de partida o que é afirmado por Berardinelli em seu ensaio “Quatro tipos de obscuridade”. Com o intuito de tornar o estudo possível, a proposta é investigar o livro “Sobre o lado esquerdo”, presente na antologia “Trabalho Poético”, publicada em 1973. Quando se pensa na obra, especialmente nos poemas “Look back in anger”, “Posto de Gasolina”, “Praias” e “Sobre o lado esquerdo”, percebemos que são pautados pela solidão, rancor e a incapacidade de dormir, além de outros pontos a serem discutidos ao longo da pesquisa proposta. Ao lado de Berardinelli, o estudo terá como referencial teórico as reflexões realizadas por Rosa Maria Martelo e Manuel Gusmão, um dos principais pesquisadores da obra de Oliveira.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira; “Sobre o lado esquerdo”; solidão; literatura portuguesa.

1. Carlos de Oliveira e a inadequação ao mundo

No segundo caso, o homem que não dorme pensa: “o melhor é voltar-me para o lado esquerdo e assim, deslocando todo o peso do sangue sobre a metade mais gasta do meu corpo, esmagar o coração”.

(Carlos de Oliveira, em *Sobre o lado esquerdo*).

A pesquisadora Rosa Maria Martelo (1998), ao estudar o livro *Sobre o lado esquerdo*, do poeta Carlos de Oliveira, lançado em 1968, destaca que a obra apresenta temas recorrentes na poética do escritor: a infância, noite, insônia, escrita, ao lado de reflexões sobre memória, individual e histórica. Com isso, quando pensamos na obra mencionada, percebemos que, de certa forma, possui relação com a solidão e obscuridade da qual comenta o teórico italiano Alfonso Berardinelli (2007), em *Quatro tipos de obscuridade*.

No texto, Berardinelli (2007) discute o afastamento do poeta da sociedade, tornando-se um artista cada vez mais distante do público. O autor explica que essa particularidade está atrelada ao pensamento de que “a obscuridade era resultado de uma comunicação interrompida ou perturbada. Isolamento, secessão, extravagância e provocação por parte dos artistas”. (BERARDINELLI, 2007, p. 127). Conforme o teórico, tal distanciamento possibilitaria ao poeta refletir sobre sua existência, enquanto teria condições de explorar com profundidade sua experiência poética.

Quando tomamos como base o livro *Sobre o lado esquerdo*, percebemos que as questões discutidas por Berardinelli (2007) se fazem presentes. Para ilustrar tal afirmativa, é possível citar o poema “Posto de gasolina”, no qual Oliveira disserta sobre um sujeito, possivelmente o funcionário do posto, que se sente deslocado do mundo. Enquanto usa como ponto de partida uma situação trivial do dia-a-dia, o simples ato de se abastecer o carro, o poeta revela: “Poiso a mão vagarosa no capô dos carros como se afagasse a crina dum cavalo. Vêm mortos de sede. Julgo que se perderam no deserto e o seu destino é apenas terem pressa”. (OLIVEIRA, 1982, p. 92)

Desse modo, Oliveira estabelece relação entre o carro, um exemplo de tempos modernos, e o cavalo, que aparece no poema como representante de um período mais simples em termos de tecnologia, sugerindo uma inadequação ao mundo. Ao lado disso, o poeta destaca que os cavalos estão, agora, perdidos no deserto, ao mesmo tempo em que são condenados, de certo modo, a viver em meio à pressa do dia-a-dia.

Entendemos, assim, que, da mesma forma como os cavalos vagam perdidos pelo deserto do moderno, deslocados em seu próprio tempo, também está o sujeito poético, como comprova o trecho final do texto: “Neste emprego, ouço o ruído da engrenagem, o suave movimento do mundo a acelerar-se pouco a pouco. Quem sou eu, no entanto, que balança tenho para pesar sem erro a minha vida e os sonhos de quem passa?” (OLIVEIRA, 1982, p. 92).

É diante dessa aceleração do mundo, sintetizada na metáfora envolvendo o motor do carro, que o personagem¹ se coloca a questionar o seu próprio lugar nesse espaço e o do outro também. Nesse ponto, é necessário enfatizar o que é arrazoado por Martelo (1998), quando discute o poema. Segundo ela, “em ‘Posto de gasolina’, o sujeito confronta-se com o movimento do mundo sem poder encontrar o sentido do que lhe parece ser uma aceleração intransitiva, sem objetivo determinável”. (MARTELO, 1998, p. 283).

¹ Decidiu-se por usar o termo personagem, aqui como sinônimo de sujeito poético, porque Gusmão (1981), em suas análises em *A poesia de Carlos de Oliveira*, faz uso da mesma palavra.

Assim, ali se encontra o personagem, em meio à aceleração constante do mundo, perdido ao lado dos cavalos no deserto, agora condenados ao universo de pura aceleração, sem, contudo, um propósito definido. Compreendemos que essa situação pode ser relacionada, de certo modo, ao destino de Sísifo, da Mitologia Grega. Esperto, o personagem foi capaz de enganar a própria morte pela primeira vez, mas, quando esse destino tornou-se inevitável, Sísifo foi, conforme o estudioso Georges Hacquard (1996), submetido a uma dura prova. No mundo dos mortos, ele foi castigado com a tarefa de levar uma pesada rocha até o topo de uma montanha, apenas para, uma vez obtido êxito nesse trabalho, ver o objeto rolar até o chão novamente, exigindo que repetisse todo o processo, ao longo da eternidade, sem ter qualquer resultado com isso.

Desse modo, quando estabelecemos relação entre a aceleração do mundo e a sua ausência de propósito, em “Posto de gasolina” e o Mito de Sísifo, buscamos argumentar que, nos dois casos, o personagem se vê diante de um universo sem um objetivo definido, no qual as coisas são feitas sem uma razão, perdidas na própria velocidade, quase como uma provação, como indica a busca do poeta por uma balança para pesar a sua própria vida e a dos outros, no final do texto. Uma balança capaz de indicar, dessa forma, o propósito dessa aceleração.

Ao mesmo tempo, é válido destacar que toda a reflexão de Oliveira, ainda em “Posto de gasolina”, possui forte ligação com o que é explicado por Georgio Agamben (2009), quando discute o que é o contemporâneo. Para Agamben (2009), o contemporâneo é aquele que não se deixa seduzir pelo seu tempo e está, sempre, em desacordo com ele. Com isso, notamos que no poema em questão, Oliveira não se deixa enfeitiçar pela aceleração e pelas supostas maravilhas do movimento ao questionar, em todo momento, o objetivo disso.

Ainda sobre o poema, é necessário recorrer ao que é arrazoado pelo crítico e estudioso da obra do poeta, Manuel Gusmão (1981). De acordo com ele, em “Posto de gasolina”, observa-se que não existe coincidência entre poeta e personagem, tendo em vista que não se trata da mesma pessoa. Essa situação tem como consequência uma relação dialética de proximidade-distância, estabelecida na coincidência-aproximação de “poiso a mão vagarosa no capô” ou “oiço o ruído”. Gusmão (1981) defende que tal recurso “torna tensa a interrogação poética (e existencial) e a relação sujeito-mundo (outros)”. (GUSMÃO, 1981, p. 130).

Percebemos que o aumento de tensão comentado por Gusmão (1981) pode ser verificado também em “Look back in anger”, outro texto poético de *Sobre o lado esquerdo*. Nele, o poeta apresenta um homem que olha para o seu passado com rancor, como o próprio

título em inglês indica, lembrando a morte do pai, possivelmente vítima de problemas pulmonares: “Quando acordou mais tarde num hospital da retaguarda, ensinaram-no a respirar de novo. Lentas infiltrações de oxigênio poroso, durante anos e anos, até à imobilidade pulmonar das estátuas”. (OLIVEIRA, 1982, p. 90)

Enquanto relembra a morte do pai, com o necessário distanciamento comentado por Agamben (2009), fazendo aqui as devidas ressalvas quanto ao conceito, o sujeito poético reflete sobre a sua própria existência. Da mesma forma como o posto de gasolina foi o ponto de partida para o texto anterior, Oliveira, em “Look back in anger”, faz uso do terraço mais obscuro da cidade, indicando, nesse sentido, certo distanciamento do protagonista com relação ao mundo, para fazer com que o personagem, com rancor, olhe o seu passado, como comprova:

Hoje, um dos seus filhos sobe ao terraço mais obscuro da cidade em que vive e olha o passado com rancor. O sangue bate, gota a gota, na pedra hereditária dos brônquios e ele sabe que é o mar contra os rochedos, a pulsação difícil das algas ou dos soldados mortos nessa noite da Flandres. (OLIVEIRA, 1982, p. 90).

Percebemos, em razão da imagem do sangue, que bate, gota a gota, na pedra hereditária, que o sujeito poético sofre do mesmo problema de saúde do pai, razão pela qual olha o seu passado com ódio. No entanto, o fato de viver esse conflito é motivo para que se reflita sobre a sua própria existência, contemplando-a com certo distanciamento, como comprova o último trecho: “As imagens latentes, penso eu, porque sou eu o homem na armadilha do terraço difuso, entrego-as às palavras como se entrega um filme aos sais de prata. Quer dizer: numa pura suspensão de cristais, revelo a minha vida”. (OLIVEIRA, 1982, p. 90).

Pode-se ver que o protagonista usa como metáfora a fotografia, que revela, aos poucos, a sua vida, assim como se dá o processo químico da revelação de um filme fotográfico. Aqui, é preciso ressaltar o que diz Walter Benjamin, ao estabelecer relação entre a história e o processo de revelação de uma fotografia. Ao ser citado pela estudiosa Aleida Assmann (2011), o filósofo alemão diz: “a história é como um texto no qual se armazenam imagens como sobre uma chapa fotossensível. Somente o futuro possui os produtos químicos necessários para revelar essa imagem com toda a acuidade”. (BENJAMIN, 1980 *apud* ASSMANN, 2011, p. 196).

Com isso, notamos que o personagem, apenas por meio do distanciamento possibilitado pelo tempo, tem condições de refletir sobre a sua vida e, conseqüentemente, olhar para trás com rancor, ao lembrar-se da doença do pai, a mesma que agora acomete o seu corpo. Como se o tempo tivesse o poder de ação dos produtos químicos dos quais fala Benjamin, toda a sua existência vai se revelando diante dos seus olhos, ao mesmo tempo no qual a escrita tem participação fundamental: é por meio dela que o filme, mencionado pelo poeta, passa a ser revelado.

Ao lado disso, pode-se pensar que a doença da qual, agora, o filho está acometido, pode ser resultado do seu próprio rancor em razão da morte do pai. Ao discutir as dores do corpo e a sua relação com a alma, Nietzsche, também citado por Assmann (2011), explica que, antes, se acreditava que a alma era prisioneira do corpo, mas foi revelado que, na verdade, ela era o carcereiro do corpo. Portanto, pode-se inferir que, em razão do rancor, algo que atormenta a alma, o homem acabou adoecendo o próprio corpo, sendo acometido, dessa forma, pela doença que matou o pai.

Nesse ponto, notamos que “Look back in anger” possui certa conexão com “Sobre o lado esquerdo”, poema que dá título ao livro. Neste último, Oliveira apresenta um homem que tenta dormir, mas não consegue. Seu sono está prejudicado, como indica o trecho: “de vez em quando, a insônia vibra com a nitidez dos sinos, dos cristais. E então, das duas uma: partem-se ou não se partem as cordas tensas de sua harpa insuportável”. (OLIVEIRA, 1982, p. 101). Nessa parte, logo no começo do poema, notamos que a insônia está presente de modo tão claro para o homem que a sua vibração pode ser sentida, como nos sinos.

Entendemos essa vibração como os problemas que atormentam o sujeito poético, impedindo-o de adormecer. Para comprovar tal argumento, recorreremos ao que afirma Gusmão (1981) ao enfatizar que os elementos cristalinos, como os sinos e os cristais, estão presentes com o intuito de indicar uma perturbação da experiência psicológica. Essa perturbação fica ainda mais clara quando, com o propósito de solucionar tal problema, o personagem decide-se: “o melhor é voltar-me para o lado esquerdo e assim, deslocando todo o peso do sangue sobre a metade mais gasta do meu corpo, esmagar o coração”. (OLIVEIRA, 1982, p. 101).

Nesse trecho, acredita Gusmão (1981), é feita uma indicação de suicídio. Segundo o estudioso, “o enunciado que fala da personagem é uma longa perífrase² de um suicídio (esmagar o coração). O não aparecimento do termo que o enunciado (a perífrase) substitui é outro processo de distanciamento da situação psicológica” (GUSMÃO, 1981, p. 132). Ao lado

² Expressão idiomática que substitui outra.

disso, não se pode negar que o texto poético em questão apresenta reflexão sobre a existência do protagonista. Ao não conseguir dormir, atormentado pelos sinos, entendidos como metáfora para os problemas do mundo exterior, a personagem pensa em esmagar seu coração, que pode ser uma indicação de suicídio, como crê Gusmão (1981); ou, por outro lado, o homem não cogita se matar e sim apenas deixar de pensar nos problemas, de impedir que os pensamentos negativos tomem de súbito o seu coração, órgão no qual, como tanto destaca o senso comum, os sentimentos são processados.

Gusmão (1981) enfatiza o fato de “Sobre o lado esquerdo” usar de imagens do mundo sensorial para indicar a insônia sofrida pelo sujeito poético. Pode-se ver que o mesmo ocorre em “Praias”, presente no mesmo livro. Nele, o homem, assim como no poema anterior, não consegue dormir. Tal insônia é ilustrada na seguinte passagem: “Dorme, flutua numa espécie de lago. A respiração dos seios empurra contra as paredes do quarto, em ondas lentas, o meu corpo afogado. Não consigo dormir.” (OLIVEIRA, 1982, p. 100).

Notamos que a insônia é comparada ao afogamento, como se a incapacidade de dormir transformasse o quarto do homem em uma praia e o seu corpo no de um afogado, cujos pulmões, agora, estão cheios de água salgada do mar. Sua busca em voltar a dormir, ou seja, de sobreviver ao afogamento ao qual agora está acometido, é indicada pela respiração “dos seios [que] empurra contra as paredes do quarto”. (OLIVEIRA, 1982, p. 100).

Ao final do poema, o homem é relegado à espera, quando afirma: “esperarei toda a noite nessas praias de cal, desertas, verticais.” (OLIVEIRA, 1982, p. 100). Na solidão das praias, metáfora para o afastamento do mundo, o personagem decide por esperar, enquanto passa o problema que está atormentando seu sono e impedindo que adormeça. Vale destacar que essa espera se dará sozinho, assim como acontece com os outros personagens dos poemas investigados neste trabalho.

Considerações finais

Em nossa proposta de refletir sobre o modo como a solidão e a obscuridade estão presentes no livro *Sobre o lado esquerdo*, de Carlos de Oliveira, tornou-se claro que os poemas em questão são focados no deslocamento dos personagens de seu próprio mundo. No primeiro poema, “Posto de gasolina”, o sujeito poético não se sente incluído no universo do qual faz parte, totalmente pautado pela aceleração, e se põe a refletir sobre o seu lugar no mundo e o dos outros também.

Já no segundo, “Look back in anger”, o protagonista é um homem que está acometido pela mesma doença que matou o pai e, ao distanciar-se do mundo, quando se refugia no terraço mais obscuro da cidade, começa a pensar sobre a própria existência. Vale destacar que tal distanciamento do universo está presente também em “Praias”, no momento no qual o poeta usa a metáfora da solidão das praias, ao final do poema, para indicar afastamento do mundo.

Ao lado dessa questão, a insônia se faz presente não apenas em “Praias”, como, ainda, em “Sobre o lado esquerdo”. Nos dois casos, o sujeito encontra-se incapaz de dormir, atormentado por problemas externos: em “Praias”, o homem se vê quase como uma vítima de afogamento, com a água entrando nos pulmões, enquanto busca, de modo desesperado, sair da situação. Já em “Sobre o lado esquerdo”, o personagem é incapaz de dormir, enquanto, assim como em “Praias”, seus problemas o atormentam.

Percebemos que em comum, os quatro poemas investigados neste texto discutem a relação do homem com o mundo exterior, sempre pautada por tormentos e questionamentos. No caso dos três últimos, “Look back in anger”, “Sobre o lado esquerdo” e “Praias”, a dimensão do problema torna-se ainda maior, tendo em vista que condena o sujeito ao isolamento, seja no terraço obscuro da cidade, em uma praia deserta imaginária ou, ainda, em uma busca de suicídio ou afastamento para evitar os conflitos.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BERARDINELLI, Alfonso. Quatro tipos de obscuridade. In: BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

GUSMÃO, Manuel. Textos e linhas de leitura. Sobre o lado esquerdo (Sobre o lado esquerdo). In: GUSMÃO, Manuel. *A poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Seara Nova, 1981.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Asa, 1996.

MARTELO, Rosa Maria. Seis andamentos para uma poética da brevidade. In: MARTELO, Rosa Maria. *Carlos de Oliveira e a referência em poesia*. Porto: Campo das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Carlos de. Sobre o lado esquerdo. [1968]. In: OLIVEIRA, Carlos de. *Trabalho Poético*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.